

OCUPAÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO

Entrevista com os moradores da Ocupação Canto de Conexão

Ana Luiza Bazzan¹
Emily Nobre²
Emanuela Di Felice³

Apresentação

A cidade é um mecanismo que facilita a socialização, na medida que oferece infraestrutura, educação, saneamento, acesso ao consumo e serviços públicos. Contudo, há objeções que marginalizam muitos indivíduos nesse processo, evidenciando a exclusão social. Atualmente surgem alguns movimentos reivindicam espaços dentro da cidade buscando atender as demandas populares e reafirmar a importância das diversidades.

A Ocupação Canto da Conexão, localizada na Rua Álvaro Chaves, nº 87 no bairro Porto em Pelotas, Rio Grande do Sul, surgiu no dia 17 de março de 2017. Revitalizando um ambiente antes abandonado e buscando minimizar os aspectos negativos que rondavam esta zona da cidade, o intuito da ocupação é promover um projeto de moradia e centro cultural para famílias e estudantes, servindo como ferramenta cultural, educacional e política na região.

No dia 30 de outubro de 2017 foi realizada uma entrevista com os moradores da Ocupação Canto de Conexão; Ocupantes: Giovani, Murilo, Tales, Valdemar (morador da volta), Aislan, André, Alice, Ugo; pelas alunas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas; Ana Luiza Bazzan e Emily Nobre; com o objetivo de compreender melhor o cotidiano da moradia e as adversidades enfrentadas pelos ocupantes.

Entrevistados

Moradores da Ocupação Canto de Conexão - Giovani, Murilo, Tales, Valdemar (morador da volta), Aislan, André, Alice, Ugo.

Entrevistadores

Ana Luiza Bazzan e Emily Nobre.

Roteiro

Emanuela Di Felice.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

² Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

³ Graduada em Desenho Arquitetônico Università degli studi di Roma 3, Doutora em Projeto Urbano Sustentável Università degli studi di Roma 3. Atualmente pesquisadora de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES) na linha de Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Brasil.

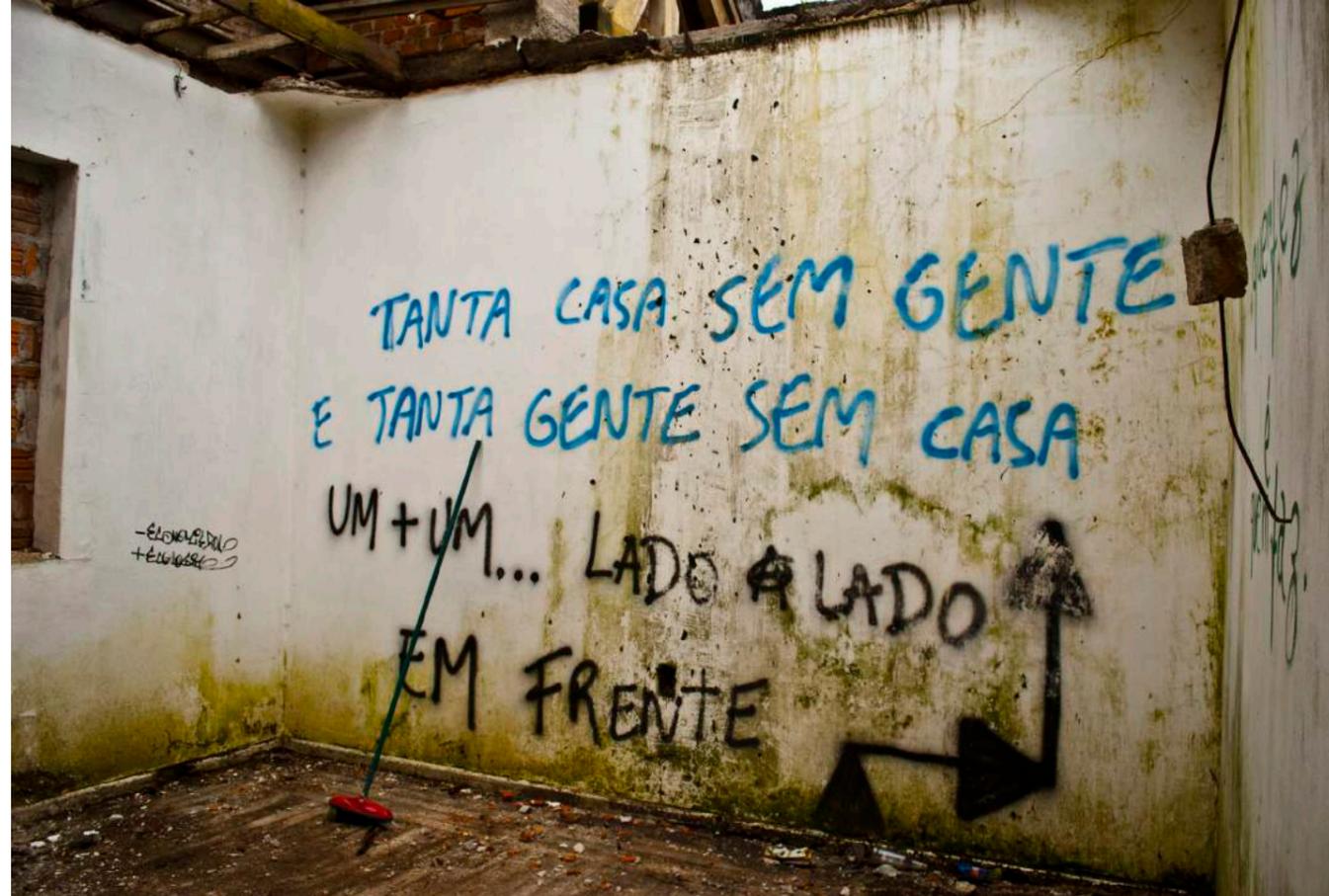


Figura 1 - Ocupação Canto de Conexão.
Foto: Emanuela Di Felice.

Emily e Ana Luiza: O processo de Ocupação do Canto de Conexão está ligado à outros movimentos em Pelotas e no Rio Grande do Sul. Como se dá a Ocupação desse prédio?

Canto de Conexão: A ocupação se dá a partir do modelo de ocupação que os estudantes e secundaristas espalham pelo Brasil; e um grupo de estudantes do ICH (Instituto de Ciências Humanas da UFPel) ligados à Marcha da Maconha faz a ocupação do ICH; e a partir da ocupação do ICH se dá a greve estudantil, dos estudantes em Pelotas, e nesse mesmo contexto esse grupo continuou se organizando politicamente no fórum social das resistências, que é um paliativo do fórum social mundial, que aconteceu em Porto Alegre esse ano. E lá a gente foi pro assentamento 20 de novembro onde era uma ocupação, e no assentamento 20 de novembro a gente se reuniu com outras duas ocupações, o 20 de novembro e a Saraf. E na Saraf saiu uma agenda em que dia 17 de março teria ocupações em todo o Brasil. Sendo que aqui no Rio Grande do Sul teriam ocupações em Porto Alegre, Passo Fundo, Caxias e nós aqui em Pelotas, estaríamos puxando essa ocupação aqui, isso aconteceu em janeiro. De janeiro a março esse mesmo grupo de estudantes do ICH começou a estudar o processo de revigorar essa área do porto, até porque esse prédio aqui já era alvo de ocupações do movimento Hip Hop e esse grupo de alunos tinha uma inserção forte nos movimentos sociais e no movimento Hip Hop; de fazer o canto de conexão; que fosse um espaço de moradia, de intervenção cultural e de debate da cidade, a partir daqui com os moradores da volta. Acho que tem que ficar bem nítido, que a ocupação daqui surgiu através da ocupação do ICH. Nosso pensamento deu esse resultado aqui e hoje a gente já começa a interferir em outras áreas da cidade com esse modelo de ocupação.

Ana Luiza e Emily: A Zona Portuária da cidade de Pelotas atualmente passa por um processo de transformação, com a reativação do Porto e investimento de capital em novos empreendimentos. Qual o impacto e o significado da ocupação nesta área e a relação da ocupação com o entorno composto por residências, universidades e indústrias?



Canto de Conexão: A gente traz aqui na ocupação a proposta de fomentar um novo tipo de, quer dizer não só um novo, mas diferente do que a gente vem vendo aqui no porto, nos nossos sistemas de troca, aí entra a parada da horta e toda a produção que a gente faz na casa e o espaço cultural, onde a gente não vê um empreendimento no local visando apenas o lucro, *tá ligado?* Que também vem com toda a parada do direito à moradia sem especulação imobiliária. Então aqui a gente levanta a bandeira contra a Sagres, *tá ligado?* Que veio prometendo mundos e fundos aqui pra comunidade do Quadrado, e hoje em dia muita pouca gente tá empregada ali, muito pouco foi feito do que foi prometido, *tá ligado?* E vem trazendo esse deserto verde aí pra dentro da cidade, com todos os impactos ambientais que aí que a gente sabe que estão envolvidos. O impacto aqui é de fomentar um novo tipo de produção e de troca.

O canto de conexão, o principal debate dele é o debate contra o capital especulativo que sofre a região do porto, cada um de nós trabalha em uma área específica, até porque a maioria é aluno da universidade, e a gente faz esse debate da cidade com a questão da transformação que tá ocorrendo no porto e não reflete em outros bairros da cidade. Por exemplo, a Sagres, quando começou esse debate do porto e o processo de deserto verde, ia ter 800 trabalhadores na Sagres, desde que a gente chegou aqui, a gente vê cada final de semana a Sagres diminuindo o número de trabalhadores. E a gente convive com esse trabalhador que passa aqui na porta diariamente dizendo que foi embora da Sagres, hoje já se tem uma crise no processo de eucalipto, a indústria sul-rio-grandense de celulose não vai mais comprar eucalipto a partir do ano que vem e aí não se tem o que fazer com esse madeiramento que foi plantado aqui; que interfere na vida do agricultor lá fora que plantou eucalipto nas suas terras e vai levar no mínimo 50 anos pra poder voltar a plantar um pé de alface, então a nossa horta simbólica aqui ela vem trazer isso, que o povo deixou de plantar comida pra plantar eucalipto e agora a gente não tem mais o que fazer com o eucalipto. E isso vai trazer impacto pra cidade. Hoje a gente tá no plano diretor, a gente tá hoje discutindo a questão do conselho de meio ambiente, todas essas coisas a gente tá tentando fazer com os moradores da volta, fazendo a integração entre a comunidade e a universidade.

Todos os móveis que a gente tem aqui dentro *[da casa]* a gente ganhou de doação aqui dos moradores da volta; se faz uma relação bem interessante de transformação dessa área. A gente sabe, que corre o risco de a qualquer momento poder vir um processo de reintegração de posse, e a gente ter que entregar esse espaço. Esse espaço é privado, mas ao mesmo tempo a gente sabe como lutar por esse espaço e vamos tentar fazer com que a população se sensibilize.



Ana Luiza e Emily: As relações de convívio que ocorrem na ocupação funcionam por meio do Conselho de Gestão Compartilhada⁴, como vocês descreveriam esse sistema?

Canto de Conexão: É um negócio linear torto (risos). A organização é horizontal, não tem uma liderança centralizada, as decisões são tomadas em grupo, tentando fazer reunião semanal. Nós não concordamos com o modelo empresarial, então gerir isso como se fosse uma empresa é fora de questão. É uma coisa inovadora, então a gente procura maneiras inovadoras de fazer a gestão que é compartilhada, autônoma, auto-gestionária, só que tem seus limites e entraves, que a gente tenta resolver cotidianamente. É uma maneira diferente, todos compartilham o mesmo ponto de vista, não tem um líder, não tem um que manda mais, todo o mundo tem direito, então a gente vai tentando dialogar e estabelecer essa relação subjetiva com o indivíduo e com o coletivo, então é diariamente.

Ana Luiza e Emily: Existem suportes/apoios externos que auxiliam na resistência da ocupação?

Canto de Conexão: Eu *[Giovani]* sou militante do movimento negro, faço parte da Frente Negra Pelotense. Esses movimentos têm uma organização de advogados que dão uma sustentação jurídica porque a gente aqui na casa. Fazem o monitoramento jurídico da causa olhando diariamente ou passando aqui pra conversar com os moradores pra saber se tem alguma novidade, alguma representação jurídica. Então tem esse grupo de advogados que também fazem parte dessa organização. O Movimento Nacional de Luta por Moradia trouxe a Arquitetura Humana, um escritório de Porto Alegre, que veio nos primeiros dias de ocupação, quando a gente botou a bandeira do movimento aqui, eles vieram para cá, conversaram com nós e projetaram o Canto de Conexão a partir de uma visão bem nossa, que vai passar agora por algumas alterações, porque as coisas são mutáveis. A gente tem uma parceria muito mais individual do que no coletivo com a FAUrb. É muito um relação que a gente tem com o Professor Maurício que topa fazer esse debate dessa casa do que propriamente com a instituição. A gente nota uma dificuldade dos alunos da UFPel frequentarem a ocupação, por exemplo os alunos da FAUrb, nós tivemos agora o Ciclo de Debates, no final a gente conversou com o professor Maurício para fazer uma oficina de madeira e fazer as janelas lá de cima *[no segundo pavimento]* junto com os alunos da FAUrb e ele disse que tem

⁴ Termo retirado do Modelo de Projeto para a Casa Cultural Porto-Pelotas. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B29jBZLCQeusaFFnbW9FMG9ieVE/view>>;



Figura 5 - Ocupação Canto de Conexão.
Foto: Emanuela Di Felice.

dificuldade de conseguir alunos para fazer essa oficina com a gente. Tem mais um esforço do professor Maurício do que com a Instituição FAUrb que é uma faculdade de arquitetura e deveria pensar sobre a cidade, a gente não consegue essa aproximação. Com o restante dos alunos da UFPel, é horrível. Apesar daqui a gente ter [alunos] da Arqueologia, Antropologia, Música, Biologia, medicina, filosofia, a gente consegue... se tiver hoje da UFPel, que tem 20 mil alunos, se tiver 200 alunos envolvidos aqui no projeto, é muito, então a gente não tem essa relação. Com a Universidade em si, através da reitoria a gente tenta fazer uma costura com a FAUrb com o professor Maurício do que com propriamente a reitoria. A reitoria diz que não pode interferir porque o prédio não é público, o reitor enquanto pessoa fez uma contribuição simbólica no primeiro dia de ocupação. Se tem uma relação boa com o CAPA (Centro de Apoio e Promoção de Agroecologia) que nos subsidia com alimentos toda sexta-feira, alguns sindicatos foram parceiros em algum momento, né meu, daí a gente tenta manter essa relação com o sindicatos. Empresários, bem pouco, o dono da Pink Elephant que vai abrir aqui na frente, a gente conversou com ele, ele ficou de dar a tinta para pintar o prédio, então não dá pra dizer que não se tem uma relação com os empresários daqui, como Galpão do Rock, há uma relação, porque a gente achou um cachorro ali na frente, que ficou com o nome de Galpão, daí o cara do Galpão traz um saco de ração pro cachorro, então tem essas parcerias. Tem o pessoal que vende gás pra galera, também viabiliza um bujão de gás por mês. E a comunidade aqui da volta que mobiliou a casa inteira. São pequenas parcerias que se tem com os empresários da volta.

Ana Luiza e Emily: Na visão do grupo, há impactos na busca por direito a habitação, considerando o atual momento político no Brasil?

Canto de Conexão: Está tendo uma tendência de criminalização ou tentativa de, dos movimentos sociais, de deturpar a imagem. Ontem na Globo, o Fantástico omitiu muitas informações e a pessoa que vê desatenta acaba tirando outras conclusões, então isso na minha opinião é preparar o terreno para uma ditadura, mesmo não sendo tão explícita como a última, isso é um prelúdio quase.

[Giovani] Na realidade, para as organizações nacionais que lutam pela moradia essa troca de governo fez com que acabassem com os projetos habitacionais. E isso dificulta muito a nossa luta, porque a gente quer sim que a população tenha direito à sua casa. Então a gente sabe que agora com o corte de recursos que está se tendo no governo e a pressão para cima do movimento sindical faz com que os movimentos



Figura 6 - Ocupação Canto de Conexão.
Foto: Emanuela Di Felice.

autônomos que tenham algum subsídio para lutar, através de algum recurso que o sindicato disponibilizava, isso nos afeta. Semana passada aconteceu um fato em Porto Alegre dentro de uma organização que é nossa parceira, o Instituto Parrhesia⁵, estão sendo perseguidos, por ter associação ao movimento anárquico. Dai isso repercutiu no Jornal do Estado, no Fantástico ontem. E eles tiveram na ocupação Pandora, uma Cultural lá em Porto Alegre e tem ligação, porque a matéria dizia assim: Estudantes das Universidades Federais se organizam. O canto de Conexão é um grupo de estudantes da Universidade Federal de Pelotas, onde a gente tem a bandeira do anti fascismo, é a nossa marca, nosso logo. E estamos apreensivo porque a qualquer momento eles podem vir aqui no canto de Conexão dizer que a gente tá associado ao Instituto Parrhesia e à Ocupação Pandora. Então tem essa perseguição ao movimento e a gente sabe que hoje somos um alvo em potencial, quando eles jogam isso pra dentro das ocupações onde tem estudantes universitários. No terceiro dia que a gente tava aqui a polícia teve aqui, entrou meio truculenta, mas depois que a gente conversou foram super de boa, a gente se identificou, eles disseram que a gente podia ficar tranquilo.

Canto de Conexão: A quanto tempo vocês estão na FAUrb aqui? O que que muda o cotidiano de vocês com a Ocupação?

Ana Luiza e Emily: Estamos há três anos e antes a gente nem passava por aqui, a gente tinha medo, era muito sujo. Uma coisa hostil. Falando em um aspecto mais visual, aqui era, cheio de lixo e passar aqui na frente e não ter mais esse aspecto de abandono, já nos faz ter mais vontade de caminhar por essa quadra e passar por aqui. Então melhorou de forma positiva.

⁵ Instituto tem em seu estatuto difundir a "PARRHESIA", "Liberdade de Expressão", utilizando a internet e as redes sociais através do RAP e da Cultura Hip Hop promovendo, Inserção e Reinserção Social, Acessibilidade, e Redução de Danos, e ainda: Propagar e Lutar pelos Direitos Constitucionais e Direitos Humanos, Educação, Justiça e Paz. Disponível em: <<http://parrhesia.redelivre.org.br/quem-somos/>>.